LEÕES NA FECHADURA

Fabiano da Mata

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

miolo-leoesnafechadura.indd 3 2023-08-29 09:51:29

EXPOSIÇÃO

Tum, tum, tum!… novos vizinhos apeiam no andar de cima. Pousam suas parafernálias e bagatelas. Plac! objetos já anseiam experimentar o chão novo, e os colonos se adentram em minha terra vermelha. Tap, tap!… as passadas se fazem esgoeladas desde a escada, e vão me ensurdecendo adentro. "Mãe!". Noto uma voz de mil tessituras, de algum filhote aborrescente. "Mãe!", chama esse ser do espécime dos que aterrorizam os vizinhos de baixo, demoninho travestido de anjo. "Ah! Os vizinhos...". Já ouço o prenúncio dessa eterna fala em todos os cantos e épocas. Dita desde que alguém se pôs a defender um átomo de dignidade, sossego. O que são os homens sem o sossego? Quais loucuras não nascem da carência dessa pérola das mais rara?

"Átila, venha logo! Tenho uma surpresa para você, é sério!", disse a mãe apressando a sacola por cima do balcão da cozinha.

Átila? Qual a razão para a escolha desse nome? Aguardo então pela pronúncia de um Hércules, Aquiles ou outro laureado

miolo-leoesnafechadura.indd 11 2023-08-29 09:51:29

pelo curso da mística história. Já começam minhas elucubrações sobre meus novos importunadores, não tem jeito.

"Viu que belezura!", apresentou o quarto ao filho. Espaçoso feito só, o quarto e porventura o filho. O fulaninho sequer ficou contente, nenhum cisco de empolgação. Observou o esplendor do quarto, violado na altura das horas pelo sol solvente de um fim de tarde, e nem sequer deu-lhe um mínimo gesto de pálpebra. Nem gastou as chinelas no chão tabuado, nem imaginou como de sonhos preencher aquele espaço.

"Não gostou?", insistiu a mãe, carente de algum gesto de gratidão. Coitada! Não demora a compreender que gestos desses são pingados, dados a conta-gotas. O garoto acenou com a cabeça, num gesto cinzento, dado por obrigação. A mãe lhe deu um sorriso forçado.

"Olha só essa vista!", admirava o varão, homem de família, de silhuetas grossas, alto e rijo como tábua, diante da paisagem urbana vista da janela da sala; o maridão. "Olha, Maria!", chamou pelo nome a esposa, pelo visto, designada aos grandes feitos ordinários.

Ela correu para se posicionar ao seu lado, pronta para que nenhum vácuo de afeto fosse notado, nenhuma nesga de desordem recaísse sobre a sagrada rotina da família. Seguia no cumprimento fidedigno do seu papel de mãe, esposa e administradora do lar.

"Linda a vista daqui...", saiu da sua garganta na intencionalidade de um "i" bem longo, um "iiiii" apático, mas não poderia assim se fazer percebida, muito menos que situações enfadonhas saíssem às claras. A prontidão de um sorriso alegre sempre deveria anteceder as labutas domésticas de todos os dias, santos ou não.

miolo-leoesnafechadura.indd 12 2023-08-29 09:51:29

"Não lhe disse que valeria a pena arcar com o aluguel um pouco mais salgado, não disse?!", cutucava o seu flanco com o indicador, empolgadíssimo, na devida intensidade que o filho não deu, diante do quarto. Ela se alimentou então daí, já que não se pode ter tudo a toda hora: "Maravilhoso, querido! Você sabe, né, que me preocupo muito com suas finanças, de modo a não gastar mais do que o necessário para nosso conforto? Mas assumo que tinha razão na sua teimosia."

"Eu sempre tenho razão." Sorriu altivamente, fungando a imensidão daquela paisagem urbana, olhando-a como um monarca absoluto, deixando subir à cabeça a sua posição de mantenedor capital do sagrado costume, herdado desde o Éden. Não escondia a sua infinita prepotência.

"Filho, venha aqui", disse o patrão. Nem uma só resposta. "Átila…", a mãe então o repreendia, "não deixe seu pai falando sozinho!". Logo veio o rebento, dando passadas largas, ecoando a indelicadeza sobre minha cabeça. "Moleque!", penso num tom impiedoso. E isso não é mal da idade, no fundo sei que tenho toda a razão. Mas quem ouve os velhos? Dizem que em seus ouvidos só cabe cerume, que já são surdos de tantos murros mil desferidos pela vida. Mas não, os meus continuam afiados e afinados. Além do mais, ainda não estou nas últimas. Hei de suportar muita coisa.

Num átimo, já estava o rebelde a postos, olhando de braços cruzados para uma paisagem para ele não mais que um quadro fosco e vulgar, impossível de se enquadrar em seus olhos.

"Já vi. Bonito", respondeu secamente e foi para o seu recanto (se achou nalgum canto do quarto, até que enfim). "O que tem esse menino?", o pai se queixou. "Tenha paciência,

miolo-leoesnafechadura.indd 13 2023-08-29 09:51:29

Armando, são coisas de adolescente", passava pano para a apatia do menino, o que não é de se estranhar. "Tudo bem, vai logo, não quero dormir em meio a essa bagunça. Vamos, vá ajeitar as coisas", ordenou como se faz a um serviçal. Suas pernas foram na frente, e sua cabeça já tonteava, tamanho o serviço.

O apartamento não estava de todo vazio, já que o aluguel incluía alguma mobília. O que tinham que fazer era despejar os pertences, colocar as coisas em seus devidos lugares. Tarefa ardilosa para uma pessoa só. Mas Maria, terrivelmente resignada, encarregava-se de quase tudo com seus braços de polvo. Não haverá um só canto do apartamento que suas ventosas não terão tocado, e dou não mais que um dia para que tudo isso aconteça. Tocar em tudo até escorrer o visgo, portanto, lambuzar com seu toque todas as coisas. A alma do apartamento já pertence a Maria. Os homens apenas habitarão. Maria, pelo contrário, transpirará com a casa, tocará as chagas do lugar. É sempre assim.

Pum! Alguém bate a porta de entrada, e ainda sobra algum resto de estrépito pelo corredor. Meus nervos estremecem. Mudanças são todas iguais. Vou dar uma volta, dar tempo para que as coisas aí de cima se organizem. Haja paciência!

miolo-leoesnafechadura.indd 14 2023-08-29 09:51:29

CAFÉ ESQUINA

Na esquina da rua Palladiana com a Forneris fica o Café Esquina: famoso sobrevivente, restolho dos Anos Dourados. Digamos que é quase uma divisão do edifício Opereta, onde moro há cerca de trinta e cinco anos.

Todos se esticam pela manhã no café, alguns vão até antes de acertarem o rosto com uma baita água fria. Não os culpo pela falta de bom hábito. São velhos como eu, só cruzaram a linha da decrepitude. Uma mínima e gigantesca diferença. Essa linha está a alguns metros de mim. Posso vê-la, só não quero. Mas está lá, bem lá, marcando o abismo, e que assim fique.

Não preciso mais do que um andar manco e uma chama de charuto para que Ana me note. Balconista lindíssima, de uniforme pregado ao corpo, cabelo em coque, possuidora das famosas curvas da perdição, onde muitos se perderam. Curvas capazes de curvarem a maior das razões, colocando-a a serviço das imaginações mais impudicas.

miolo-leoesnafechadura.indd 15 2023-08-29 09:51:30

Acostumada com meus trejeitos, meu modo de sempre me vestir, já lasca um bom dia só de soslaio. "Bom dia, Ana!", correspondo num tom de afeto. Ela sorri para mim, e continua a lustrar o balcão.

— Eita frio! — me interrompe o queixoso Gesualdo.

— Já sentado à mesa?! Desde que horas, seu velho?

— Não me canse. A dona Lurdinha é que me bota pra fora.

— Está certa, quem quer um velho babão? Não é dada a geriatra.

— Ana! — fala num tom espesso, raspando a garganta — me traz o jornal.

— Meu caro Gesualdo, não canse os ouvidos da dama assim com seus pigarros. E pra que ler o jornal? O que encontrará aí de novo?

— Oh, Ana! — ignora minha botada de dedo — traz também mais um daqueles biscoitos açucarados. Que se dane essa minha diabete!

— Ôu, calma aí, velhaco! Não venha por de molho aqui sua barba imunda. É melhor mesmo que leia o jornal. Oh, Ana, minha querida — a chamo, buscando o modo mais cortês — aplaque logo o anseio desse velho, quem sabe não lhe acalma os nervos.

— Já vou! — Ana responde na mexedura das prateleiras — Sei muito bem cuidar dele, Seu André. No mais, até me deve pelas mentiras que contei a Lurdinha. Não foram poucas as vezes que a mulher veio aqui enfezada à procura dele.

— Eita falação! Tá bom, tá bom, vocês ganharam. Me traga logo o jornal, Ana, que assim faço um favor a vocês.

— Isso, seja um sujeito consciencioso. Bota muito açúcar aí no seu amargor.

miolo-leoesnafechadura.indd 16 2023-08-29 09:51:30

Gesualdo responde que sim com a cabeça, como se lhe cansasse as palavras. Melhor assim, agora ele pode calá-las no exercício da sua leitura sagrada, fechá-las na mente, sem que ninguém se incomode. E assim fez, lambrecando as páginas com o caldo açucarado do biscoito. Que velho nojento! Será que sou um pouco assim? Tenho medo de não estar me enxergando devidamente. Sempre pergunto a Ana, mas vai que ela mente para me agradar.

— Ana — chamo com todo esmero.

— Que foi, seu André?

— Como estou hoje? — abro os braços para ver se ela repara no meu terno novo. Assim achava. Pobre de mim. Era novo de brechó.

— Impecável, como sempre. Um elegant monsieur! — arriscou um francês abrasileirado.

— Não, não… — interveio Gesualdo, avistando de cima do jornal — um velho teimoso, isso sim. A ponto de subverter a própria realidade por pura vaidade.

— Não fale assim! — Ana o repreende — O que tem é inveja. Não dê ouvidos a ele, André.

— Oh, Ana, até hoje não se acostumou com Gesualdo? Ele fala pelos cotovelos. Ôu, se concentre aí no jornal e não me amole! — dou-lhe o troco.

Depois dessa, baixa as vistas, meneando a cabeça, desistido de me provocar com qualquer dita verdade que seja. Gesualdo é um belo de um chato tagarela e bisbilhoteiro. Fica no Café com os seus olhos de longo alcance por cima do jornal, aferindo os anéis de algum cliente inconstante, vendo se vestem panos caros, se os sapatos são de couro genuíno e

miolo-leoesnafechadura.indd 17 2023-08-29 09:51:30

Cidinha — Desculpe, mas acho que está fazendo mau juízo do André.

Ana — É, pode ser. Parar de falar disso.

Paramédicos — Precisamos de alguém para acompanhá-lo no hospital.

Ana — Você vai?

Cidinha — Sim, claro.

Ana — Não, é que… se quiser, eu vou.

Cidinha — Eu vou, já falei.

Ana — Não sei se me entende, é por causa do Café, aí já viu, né...

Cidinha — Não, claro, entendo sim.

Ana — Então tá, obrigada!

Cidinha — Não precisa agradecer, menina. Sou amiga dele, isso é mais que um dever.

Paramédicos — Você quem vai, né?

Cidinha — Isso.

Paramédicos — Vamos logo!

Ana — Até mais!

Cidinha — Até mais!

Ana — Aqui, se puder ligar no Café para avisar…

Cidinha — Tá bom! Não se preocupe. Até!

Ana — Até …

Paramédicos — Prontinho… vamos, acelera, acelera…

Uííiooo woo woo woo woo woo woo woo woo woo…

miolo-leoesnafechadura.indd 307 2023-08-29 09:51:38

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em setembro de 2023.

miolo-leoesnafechadura.indd 308 2023-08-29 09:51:38